



Hoje é dia de Pixinguinha!

Maria Cristiane Deltregia Reys

Resumo

O texto apresenta ideias para abordar o ensino de história da música brasileira no âmbito escolar. A partir de atividades de apreciação, análise e criação e análise musical, a proposta relacionada à atividade de Literatura enfatiza a reflexão sobre música como importante atividade no processo do fazer musical. O contato com a obra de Pixinguinha e Benedito Lacerda, “Um a zero”, é apresentado como exemplo para se abordar a história da música e a história de compositores brasileiros de diferentes períodos. O texto propõe um planejamento aberto para a aula de música, numa abordagem rizomática do currículo.

Palavras-chave: Educação musical. Escola básica. História da música brasileira.

Today is Pixinguinha's day!

Abstract

This paper presents some ideas to teach Brazilian Music History in schools. Based on activities for audience-listening, analysis and creation, and musical analysis, the proposal is related to the activity of Literature and emphasizes the reflection on music as an important activity in the process of “making music”. Familiarization with the work of Pixinguinha and Benedito Lacerda, “Um a zero”, is presented as an example to discuss Music History and the history of Brazilian composers from different periods. The text proposes an open plan for music classes, with a rhizomatic approach to the curriculum.

Keywords: Musical education. Basic school. History of Brazilian music.

Auto-retrato

Choro:
gênero
musical

Eu também nasci chorando
Como todo mundo nasce
É embora a chorar vivesse
Não chorei o que bastasse

No **choro** a vida passei
Com prazer e na labuta
Sustentei mulher e filho
Chorando fiz-me um **batuta**

O grupo
Oito Batutas

Entre as
obras do
compositor

Chorei muito choro alheio
Toquei maxixe e marchinha
Alfredo sou por batismo
Mas no choro **Pixinguinha**

O apelido
de Alfredo

Fiz música, fui maestro
Fui **Ingênuo**, **Carinhoso**
Soprei meu triste **Lamento**
É o meu riso mais gostoso

O que ele
nos deixou?

É assim o ciclo se fecha
Pois cumpri o meu papel
Pinteí o choro na terra
Pra colher risos no céu



O poema do mestre pode ser o pontapé inicial para a aula de história da música brasileira. Observe que as palavras em destaque sugerem características da vida e da obra de Pixinguinha. A partir dos objetivos do professor, elas podem se tornar palavras-chave e levar a uma série de possibilidades dentro do tema. Assim sendo, escolher o foco do trabalho pode ser uma decisão em conjunto com o grupo de alunos, e falar de Pixinguinha a partir de seu apelido ou a partir de sua obra é apenas um detalhe no desenrolar da “partida”.

Mas deixemos esse papo de “partida” e “pontapés” para depois. Agora vamos refletir um pouco sobre os objetivos e as maneiras de estudar história da música em sala de aula.





Por que estudar história da música na escola?

O estudo de história na disciplina de música tem por objetivo enfatizar períodos, compositores e mudanças em relação às funções da música nos diferentes períodos históricos. Além disso, a partir da história é possível conhecer as raízes musicais de diferentes culturas, de forma a ampliar os horizontes musicais do ouvinte.

Estudar história na aula de música significa pensar sobre música e falar de música, ou seja, não significa propriamente fazer música. Mas, para fazer música, é preciso falar de ou pensar sobre: Como compreender a música de compositores de diferentes períodos, estilos e vertentes composicionais? Como compreender a linguagem utilizada em uma determinada obra sem conhecer seu contexto? Como fazer sua própria música sem conhecer elementos e possibilidades de organização sonora? Enfim, qual a importância das referências no processo de aprender?

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte, observa-se a recomendação de se conhecer e valorizar as produções musicais brasileiras e internacionais de diferentes períodos históricos e geográficos. Entre os objetivos delineados nesse do-

cumento, alguns se relacionam com o falar de e o pensar sobre música. Observe este trecho dos PCNs (Brasil, 1997, p.51) que norteiam o ensino de Arte/Música na primeira fase do ensino fundamental:

A MÚSICA COMO PRODUTO CULTURAL E HISTÓRICO: MÚSICA E SONS DO MUNDO

- Movimentos musicais e obras de diferentes épocas e culturas, associados a outras linguagens artísticas no contexto histórico, social e geográfico, observados na sua diversidade.
- Fontes de registro e preservação (partituras, discos etc.) e recursos de acesso e divulgação da música disponíveis na classe, na escola, na comunidade e nos meios de comunicação (bibliotecas, mídiotecas etc.).
- Músicos como agentes sociais: vidas, épocas e produções.
- Transformações de técnicas, instrumentos, equipamentos e tecnologia na história da música.
- A música e sua importância na sociedade e na vida dos indivíduos.
- Os sons ambientais, naturais e outros, de diferentes épocas e lugares e sua influência na música e na vida das pessoas.
- Músicas e apresentações musicais e artísticas das comunidades, regiões e País consideradas na diversidade cultural, em outras épocas e na contemporaneidade.
- Pesquisa e frequência junto dos músicos

No modelo C(L)A(S)P, proposto por Swanwick (1979) e amplamente divulgado no Brasil, o estudo de história se insere em “Literatura”, atividade de apoio ao processo de aprendizagem que acontece prioritariamente por meio de atividades de composição, apreciação e execução. Conhecer o contexto de obras musicais, intérpretes e

compositores, analisar peças, conhecer gênero e estilo não implica tomar um contato mais íntimo com a linguagem musical fazendo música, mas esta atividade apresenta-se como apoiadora no aprendizado, para que o fazer musical aconteça pleno de significado. Assim, a literatura deve ser abordada de modo integrado às atividades de composição, apreciação e execução, ou seja, ler sobre um determinado compositor, apreciar uma peça e, quem sabe, fazer uma releitura de sua obra fechariam o ciclo, dando consistência ao aprendizado. Nessa perspectiva, as atividades de literatura “só terão significado para a Música e para a educação musical quando se encontrarem relacionadas com a própria composição, audição e com a pró-



Você sabia?

Com base na obra de Piaget, Keith Swanwick é um professor britânico que se dedica à pesquisa sobre o desenvolvimento musical das crianças. Ele sistematizou a Teoria Espiral de Desenvolvimento Musical, explicando que este se dá em etapas durante o processo de aprendizagem. Também sistematizou uma metodologia de ensino de música que propõe ensinar (e aprender) “musicalmente” pelas experiências de ouvir, criar, tocar e cantar. O modelo C(L)A(S)P é bastante divulgado no Brasil e nos auxilia a tirar o foco da leitura, da técnica e da teoria, tradicionalmente tidas como ponto de partida para aprender música.



Para saber mais sobre este autor:

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, Porto Alegre, UFRGS, v. 13, n. 21, 2002.

pria música, ou seja, com a interpretação” (Costa, 2010, p.41, grifos da autora).

Como estudar história da música na escola?

Quando falamos em história, logo imaginamos compositores antigos e a dificuldade em apresentá-los em sala de aula. Os estudantes estão sempre conectados às músicas de seu cotidiano e de seus grupos, tendo acesso fácil e rápido ao imenso leque de opções de músicas que circulam nas mídias, formando gosto musical por influência do meio em que está inserido. Pode ser desafiador para o professor apresentar um repertório distante do cotidiano de seus alunos. Assim, na maneira como o repertório é apresentado pelo professor pode estar a chave do sucesso. Meurer (2016, p. 11) destaca o quanto importante é a

[...] forma como o repertório é apresentado, podendo encantar e assim instigar os alunos a perceber, sentir, conhecer, compreender, manipular e apropriar-se das músicas. (Meurer, 2016, p.11).

Neste sentido, alguns educadores musicais dedicam-se a criar estratégias para ensinar história da música de maneira contextualizada e conectada ao cotidiano escolar.

O livro de Simone Cit e Lara Teixeira (2003) delinea de maneira graciosa o texto e as ilustrações coloridas para apresentar às crianças um pouco da história da música popular brasileira. Entre os compositores apresentados no livro, está Pixinguinha, e o repertório proposto é o samba “Peixinhos do mar”, melodia e letra bastante acessíveis às crianças pequenas. O livro vem com CD que pode auxiliar no trabalho do professor, sendo um ótimo recurso caso não seja possível tocar um instrumento.

Amaral et al. (2010) apresentaram os diferentes períodos de história da música aos

alunos de ensino médio com o auxílio de recursos audiovisuais, atividades práticas e relatórios. O diferencial do trabalho, entretanto, é a correlação feita entre diferentes repertórios com músicas do cotidiano dos alunos, ou seja, a identificação de mimetismos em repertórios de diferentes períodos da história e em obras do repertório de grupos como o francês Era e o finlandês Eluveitie, que utilizam o cantochoão, harmonias modais e instrumentos renascentistas em suas composições.

Reis (2010) descreve a atuação de um grupo de alunos do curso de licenciatura em um projeto de extensão cuja temática, “Muito prazer, Villa-Lobos! Uma viagem sonora”, tornou possível utilizar o espaço escolar para difundir a cultura erudita. O grupo apresentou a música de Villa-Lobos para piano a partir de um roteiro cênico, com base na história da vida do compositor e onde uma das

peças, O Trenzinho Caipira, constitui-se em uma “melodia condutora da ‘viagem’, uma espécie de vinheta” (Reis, 2010, p.460).

Gohn e Lanzelotte (2010) propõem o contato com a música de Ernesto Nazareth a partir de jogos eletrônicos. Para os autores, esses ambientes virtuais de aprendizagem informal podem ajudar a desenvolver a percepção auditiva e motivar os estudantes a conhecer conceitos e estilos musicais de forma interativa e lúdica. Outro site indicado pelos autores é o www.musicabrasilis.org.br, que disponibiliza jogos e repertório brasileiro para apreciação musical. O site também disponibiliza diversos vídeos, partituras e es-

VOCÊ SABIA QUE
O DIA 23 DE ABRIL
É O DIA NACIONAL
DO CHORO EM
HOMENAGEM A
PIXINGUINHA?

Fiz música, fui maestro...

Nascido em **23 de abril de 1897** no Rio de Janeiro, filho de Alfredo Vianna da Rocha e Raimunda Maria da Conceição, Alfredo Vianna da Rocha Filho era o 12º filho do casal que vivia com a casa cheia de amigos, muitos deles músicos que influenciariam a trajetória de Pixinguinha. Como o pai, aprendeu a ler partitura e iniciou a carreira tocando cavaquinho. Em seguida, passou a tocar flauta e somente aos 35 anos obteve um diploma no curso do Instituto Nacional de Música, embora, segundo Bessa (2010), sua formação musical como instrumentista e compositor tenha acontecido mesmo é nas rodas de choro da casa de seus pais e nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Liderou o grupo Oito Batutas, formado em 1919 com a finalidade de entreter os frequentadores do Cine Palais, oferecendo música na sala de espera do cinema. Em um tempo em que os olhares eram preconceituosos em relação aos músicos negros e à música popular brasileira, o grupo usava de

artimanhas como mesclar repertório estrangeiro ao de autoria própria para conquistar espaços elitistas e sobreviver do trabalho com a música. Chegaram a fazer uma turnê pela França, tiveram contato com o jazz e tornaram-se ao mesmo tempo “depositários de brasilidade e assimiladores das novidades estrangeiras” (Bessa, 2010, p.93). Entre outros músicos, como Donga e João Pernambuco, Pixinguinha participou do grupo durante toda a sua existência.

Muitas de suas composições tinham relação direta com algum tema popular, político ou de sua vida cotidiana, como era comum na época. Um exemplo é o choro “Um a zero”, composto em conjunto com seu parceiro Benedito Lacerda após uma partida de futebol em que o jogador Friedenreich fez o gol decisivo para a vitória do Brasil contra o Uruguai na final do campeonato sul-americano, em 1919.



Imagem de Sasin Tipchai por Pixabay

cutas guiadas (com partituras) de obras de diversos períodos e compositores brasileiros.

De volta aos “pontapés”

O futebol é um tema presente na vida da escola. Assim, uma possibilidade de abordar a história de Pixinguinha a partir de sua obra e a partir de um tema do cotidiano dos alunos é o choro “Um a zero”. Escutar ativamente a peça e a partir dela desenvolver atividades que relacionem os conteúdos ao fazer musical é o foco do trabalho a seguir.

Pode-se elencar objetivos, como conhecer aspectos da vida de Pixinguinha a partir do poema “Auto-Retrato”; estudar a história do choro; apreciar outras obras de Pixinguinha; ouvir diferentes interpretações de “Um a zero” e identificar diferenças de textura, forma, expressão, entre outros; analisar a partitura e identificar elementos rítmicos e melódicos e elaborar um arranjo a partir de “Um a zero”.

É importante ter um planejamento com objetivos e conteúdos preestabelecidos para as aulas, mas, preferencialmente, deve-se estar aberto a possíveis mudanças que venham a trazer benefícios ao processo de aprendizagem dos alunos. Assim, se o interesse da turma levar você a repensar a proposta, é possível trilhar outros caminhos para chegar ao conteúdo e até mesmo reorganizar a lista

de prioridades para a atividade.

É sempre importante considerar alguns critérios, como as características da turma e o gosto musical dos alunos, o nível de desenvolvimento musical do grupo e as experiências prévias no contato formal com a educação musical. Também é possível vislumbrar vários e diferentes encaminhamentos para o processo de trabalho em uma abordagem rizomática do currículo. Observe o que escreve França (2006) sobre esse tipo de abordagem:

A metáfora do rizoma tem como fundamento a multiplicidade. Sugere uma rede de ideias com inúmeras possibilidades que podem se conectar a outras em direções múltiplas conforme oportunidades lhe apareçam. É antes um processo que um produto, aberto, alterável, modificável, sempre em construção. Acima de tudo, comporta diferentes entradas e permite fazer conexões criativas, uma vez que um ponto pode conduzir a qualquer outro, sem obedecer a uma direção fixa ou previsível. (França, 2006, p.69).

Assim, poderíamos pensar em caminhos possíveis ou vislumbrar a metodologia como se fosse uma “teia”, seguindo com o planejamento a partir do interesse das crianças sobre um determinado aspecto do tema, sendo flexível quanto ao planejamento inicial. Estar atento para aproveitar a “partida”, mas sem perder de vista o conteúdo específico da aula de música; estar aberto para

aproveitar oportunidades sem, entretanto, se perder em um “mar de rizomas” (França, 2006, p.70),



Apreciando a partida ao som de Pixinguinha

Tem tanto “Um a zero” na internet! É possível ouvir grande diversidade de interpretações, texturas, timbres... e de brincadeiras também! Trago algumas sugestões:

E como pode ser divertido tocar um instrumento! Acho que o Pixinguinha ia adorar essas interpretações:

-  Busque no YouTube:
Um A Zero Video and Audio by Nate Barsanti
Um a Zero - Orquestra Jovem Tom Jobim

Olha o Pixinguinha aí!

Mostrar uma gravação antiga para as crianças é uma ótima oportunidade para conversar sobre a evolução dos processos de gravação:

-  Busque no YouTube: Pixinguinha e seu conjunto - “1x0”, em gravação dos anos 50.

Você conhece o João? Esse pianista brasileiro não é incrível?

-  Busque no YouTube:
João Tavares Filho - Um a Zero (Pixinguinha)

Agora ouça Pixinguinha na interpretação do grupo Quintaessentia. Que tal pesquisar e conhecer um pouco mais sobre o mundo da flauta doce?

-  Busque no YouTube:
Quinta Essentia: Um a Zero - Pixinguinha e Benedito Lacerda - Arr. Helcio Müller



Quinta Essentia ©Heloisa Bortz
www.quintaessentia.com.br



Para guiar a apreciação:

- Qual a versão que você mais gosta?
- Quais as diferenças entre as versões ouvidas (instrumentos, jeito de tocar, arranjos)?
- Qual parece ser a mais antiga? E a mais recente? Por quê?
- Qual a relação entre os instrumentos solistas e a voz?
- Você se divertiu?

E a partitura?

Costumo mostrar às crianças as partituras das peças que vamos estudar, mesmo sem ter a intenção de lhes ensinar as “letras”, a notação musical tradicional. Mas, pensando sobre isso, quantas vezes aprender música significa tocar um instrumento e entender a partitura? Mesmo sem ter, naquele momento, a intenção de trabalhar com notação musical, é importante que formas de registro aconteçam nas aulas de Música. O breve contato com a partitura do professor também pode ser interessante para reconhecer conceitos já trabalhados nas aulas, como sons ascendentes e descendentes, o efeito do ornamento (a gaitinha de boca de “Um a zero”), a pausa, sons graves e agudos, entre outros.



Você sabia?

“Conta-se que Pixinguinha, presente no estádio em que se realizou a histórica partida, teve sua atenção desviada por uma gaitinha de boca que, no momento do gol, disparou a tocar um motivo descendente de duas notas num intervalo de um tom [...]. Para mimetizar o caráter ruidoso do som emitido pelo torcedor, Pixinguinha introduz uma espécie de bordadura na primeira nota, que quando realizada em grande velocidade pelo flautista produz um efeito ‘ruidoso’” (Bessa, 2010, p. 79).

Gabrielly, de 8 anos, olhou a partitura e disse: “Até que enfim alguém vai me ensinar as ‘letras’”




Um a Zero

Pixinguinha & Benedito Lacerda



Va i come çar o fu te bol pois é Com mui ta gar ra e mo ção São on ze de

5 cá on ze de lá Eo ba te bo la do meu co ra ção Éa bo la Éa bo la Éa

10 bo la Éa bo la Eo gol ol! Nu ma jo ga dae mo cio nan te Nos so

14 ti me ven ceu por um a ze roa tor ci da vi brou

Você pode ainda tocar o trecho para que as crianças acompanhem na partitura o movimento da melodia. Elas perceberão que, nesse tipo de registro, a música se “desenha” da esquerda para a direita, da mesma forma que escrevemos as palavras.


Para guiar a apreciação:

- Quais os elementos utilizados pelos autores para enfatizar que a bola está se aproximando do gol?
- Você sabe o que é uma bordadura?

Por falar em apreciação, a metodologia proposta por Swanwick sugere que se vá além do ouvir e perceber quais são os instrumentos utilizados no arranjo ou do entender a partitura. O ouvir precisa atingir uma dimensão de aprender sobre os aspectos materiais e expressivos, além de compreender a estrutura das músicas. Neste sentido, o ato de ouvir ampliará as possibilidades musicais dos estudantes, sendo de grande importância também nos processos de criação e performance.

Compondo com Pixinguinha

Dependendo de como essa “partida de futebol” esteja acontecendo, o professor pode aproveitar o tema para desenvolver outras atividades. Se você optar por propor uma atividade de criação, poderá ter em mente a exploração dos elementos rítmicos e melódicos dos autores, ou ainda a criação de sons para outros eventos da partida de futebol.

Para a atividade de criação, você pode escolher estratégias que já tenha experimentado, podendo optar por improvisações individuais ou dividir a turma e propor algo mais elaborado. A atividade de composição é geralmente um momento que as crianças adoram, mas também é um momento no qual o professor precisa de muito “jogo de cintura”, não é? Os desafios são muitos!

Na hora de dividir os grupos, é preciso escolher as parcerias que dão certo. Sempre falo para os meus alunos que escolheremos

grupos de crianças que trabalhem bem juntas! Depois de formados os grupos, onde trabalhar? Todos os grupos dentro da sala de aula... nem pensar! É preciso ter em vista alguns cantinhos na escola onde as crianças possam se concentrar e ter um pouco de silêncio para ouvir seus próprios sons. Outra decisão: Vamos usar instrumentos para compor? Podemos experimentar o trabalho com ou sem instrumentos; o professor pode observar em que condições seus alunos conseguem atender melhor aos objetivos da atividade.

Para o tema “Um a zero”, tenho uma sugestão. Escreva em cartões palavras que expressem as situações de uma partida, por exemplo:



Distribua os cartões aos grupos e proponha que as crianças criem sons para as situações estabelecidas. Depois esses sons podem ser mostrados à turma, que poderá adivinhar qual foi a situação sonorizada e avaliar se as escolhas sonoras foram capazes de expressar o momento do jogo. Também é possível criar uma composição maior, organizando os eventos sonoros numa sequência. Quem sabe alguém se anima em narrar essa partida?

Se você entende de futebol melhor do que eu, certamente terá ainda outras ideias de como desenvolver uma atividade de composição com o tema. Além disso, você também pode instigar as crianças a buscarem outras referências e conhecerem como outros músicos se expressaram acerca do tema. Esse é, na verdade, um caminho possível para o próximo projeto na aula de música: começar com Pixinguinha e parar num campo “sonoro” de futebol. Por que não?

Há muitas composições, experimente algumas que abordam o tema com diferentes ritmos e estilos (os links são minhas sugestões):



Ouçã

Frevo do Bi, do Jackson do Pandeiro

Busque no YouTube para ouvir.

Geraldinos e Arquibaldos, do Gonzaguinha

Busque no YouTube para ouvir.

O dedão do craque, de Silvío Mansani

<https://soundcloud.com/no-dorso-do-rinoceronte>

Foi um prazer te conhecer...

O mundo de Pixinguinha é vasto e é possível escolher outras peças para abordar a história da música. É importante também que as crianças sejam motivadas a conhecer outras peças do mesmo autor e ter também a oportunidade de se deparar com peças que ouvem em seu cotidiano, das quais não conheciam a autoria.

É incrível o mundo que se abre a partir do contato com os compositores e suas músicas. Conhecer um pouco de suas histórias, seus amigos, seus lugares, entender suas motivações para fazer músicas e refletir sobre o legado que deixam parecem nos aproximar dessas pessoas. Entender um pouco sobre a raiz da música brasileira, conhecer e experimentar para aprender a gostar, saber escolher e decidir o que se deseja ouvir.

Ampliar o repertório das crianças. O professor oferece, traz para a sala de aula, planeja, propõe uma atividade com amor, capricha na metodologia. Pixinguinha e outros tantos compositores maravilhosos se encarregam do resto, são irresistíveis, não tem como não gostar!



Para saber mais

<http://drzem.blogspot.com/2010/07/historia-do-choro-um-zero-de.html>

<https://issuu.com/lucianomilani/docs/livro>



Autora



Maria Cristiane Deltregia Reys

cris_reys@hotmail.com

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), licenciada em Música pela mesma universidade e bacharel em Música – Violoncelo, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora de Arte – Música no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde desenvolve trabalhos voltados ao ensino de música na educação básica, ensino instrumental e canto coral. É integrante do grupo de pesquisa EBA – Educação Básica e Arte (CNPq) e coordenadora do projeto de extensão “Coral Infante-juvenil do Colégio de Aplicação”.



Referências

AMARAL, M. L. F.; CORDEIRO, D.; GOULART, G. História da Música: conhecendo os períodos, elementos e gêneros musicais através da apreciação e prática musical. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 2010, 19., Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: ABEM, 2010.

BESSA, Virgínia A. *A escuta singular de Pixinguinha*. História e música popular no Brasil dos anos 1920 e 1930. São Paulo: Alameda, 2010.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC /SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>.

CIT, Simone; TEIXEIRA, Iara. *História da música popular brasileira para crianças*. Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, 2003.

COSTA, Maria M. A. I. da. *O valor da Música na Educação na perspectiva de Keith Swanwick*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2563/1/ulfp035764_tm.pdf. Acesso em: 09/04/2012.

FRANÇA, Cecília C. Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino de música na escola regular. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 15, p. 67-79, 2006.

GOHN, Daniel; LANZLOTTE, Rosana. Jogos musicais com repertórios brasileiros: o Quiz Musical do Projeto Nazareth. In: CONGRESSO DA ANNPOM, 2010, 20., Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: ANNPOM, 2010.

MEURER, Rafael Prim. Música medieval na escola: uma proposta de apropriação da música antiga. *Música na Educação Básica*, Londrina, v. 7, n. 7/8, 2016.

REIS, Carla S. Articulando prática instrumental e prática pedagógica: uma experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 2010, 19., Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: ABEM, 2010. p. 456-462.

SWANWICK, Keith. *A basis for music education*. London: Routledge, 1979.